

O MATERIALISMO DO CORPO FALANTE POR SHOSHANA FELMAN

THE SPEAKING BODY MATERIALISM BY SHOSHANA FELMAN

Lucas Zafalon Garcia¹

A certo ponto do livro *O escândalo do corpo falante*, Shoshana Felman evoca, em uma de suas muitas epígrafes, Charles Baudelaire e dá forma poética ao *equivoco* que estrutura o funcionamento da linguagem e de nossos corpos falantes: “O mundo só caminha pelo mal-entendido. É pelo mal-entendido universal que todo mundo concorda. Pois, se, por infelicidade, nos compreendêssemos, não poderíamos jamais concordar” (BAUDELAIRE, apud FELMAN, 2022, p. 42). Curiosamente, ou não, o escândalo da afirmação irreduzível do mal-entendido enquanto o próprio da experiência dos sujeitos na linguagem surge na “poesia”, este cercadinho feito para isolar o gozo com a língua da “seriedade” do *saber linguístico* que, ao contrário dos versos de Baudelaire, toma, via de regra, o *entendimento* como evidência que sustenta todo edifício teórico homogeneizante sobre o sistema da língua. Em Baudelaire, não se trata de afirmar a comunicação como consequência lógica da existência da língua, mas, parodicamente, ver na comunicação um tropeço, um *apesar*, um “não se sabe como”, do funcionamento real do sistema linguístico.

Há um “risco” grande em pensar as implicações que a *opacidade* entre as palavras e as coisas, ou melhor, entre as palavras elas mesmas, impõem à constituição dos sujeitos e a nossa forma de pensar a história: um “mundo” que caminha pelo mal-entendido pressupõe sujeitos que não *sabem* o que *fazem* e uma história sem rosto, processo sem começo nem fim, em última instância, imprevisível. De repente, os materialismos de Freud e Marx ecoam e se articulam. Shoshana Felman, a partir de uma aproximação inusitada, faz-nos remontar a mais quatro nomes: Nietzsche, Lacan, Austin e *Don Juan*. Encontro que faz emergir o peso e a complexidade da língua, não enquanto sistema ideal e homogêneo, mas enquanto ato, enquanto prática significativa que pode desestabilizar o já-dado e produzir efeitos potencialmente transformadores de sujeitos e de relações sociais.

O lugar de escrita desse encontro e de abertura para suas potencialidades é a obra *O escândalo do corpo falante: Don Juan com Austin, ou a sedução em duas línguas*, da crítica literária Shoshana Felman, publicada originalmente na década de 1980 na França e nos Estados Unidos e republicada em uma edição cuidadosa no Brasil em 2022 pela Editora da

¹ Mestre em Letras (UFRGS). Atualmente está vinculado ao projeto de pesquisa “Loucura, raça, criminalidade: o alienismo no Brasil”, associado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Unicamp em Campinas, São Paulo. Trata-se de uma abordagem subversiva das teorias do performativo, em que a abordagem dos enunciados performativos é deslocada da clausura da explicação linguística formal e, através da “coisa literária” e da psicanálise, depara-se com as inquietações de Nietzsche sobre o ato de prometer:

O que é, então, uma promessa? O que se faz exatamente quando se diz “Eu prometo” e quais são as consequências disso? Todas essas questões são tomadas como responsabilidade pelos lógicos da linguagem que se ocupam do performativo. Mas eu gostaria aqui de deslocar um pouco os achados da análise linguística e lógica para fazer intervir nelas a interrogação nietzschiana: em que a promessa se constitui como um paradoxo, um problema? De que modo a lógica da promessa é o signo de uma contradição fundamental que é a mesma do humano? (FELMAN, 2022, p. 22-23).

Para desdobrar essas inquietações que tocam exemplarmente o fato da imbricação paradoxal e indissociável entre a linguagem e o corpo, entre o dizer e o fazer, Felman operará uma leitura da peça *Don Juan*, de Molière, mas a realizará de forma bastante singular, não se tratando simplesmente da operação desgastada de ler o texto literário a partir do texto teórico, mas sim de fazer da coisa literária um lugar de complexificação do linguístico e do filosófico – ou seja, não simplesmente ler *Don Juan a partir de Austin*, mas também ler *Austin a partir de Don Juan*, potencializando uma leitura que articula e ressignifica especialmente a psicanálise e a teoria (linguística? Filosófica?) do performativo, assim como também passa pela encruzilhada das línguas (entre o inglês e o francês – e, no caso da tradução, entre o português). Nesse encontro e nessa transgressão mútua, então, o horizonte é “procurar articular nem tanto o que *se diz* ou se poderia dizer, mas o que se passa, faz efeito e faz ato, o que *se faz* ou se poderia fazer, entre corpos falantes, entre línguas, entre conhecimento e gozo” (FELMAN, 2022, p. 25).

O primeiro capítulo do livro, “Entre a linguística e a filosofia da linguagem: teorias da promessa, promessas da teoria”, retratará o debate teórico entre o filósofo britânico da linguagem J. L. Austin e o linguista francês Émile Benveniste; debate este que de certo modo antecipa a tensão entre conhecimento e gozo que costura o livro de Felman de ponta a ponta. Temos aqui um vislumbre inicial dos riscos que a teoria austiniana do performativo produz para a sustentação dos saberes estabelecidos sobre a linguagem. À maneira de Nietzsche, como enfatiza Felman, o gesto de contrapor enunciados constativos (enunciados que descrevem “fatos” e “estados de coisas”) aos enunciados performativos (enunciados que não informam, mas realizam um ato pela própria enunciação) já de antemão coloca em xeque a clássica aposta daqueles que tratam da linguagem: a de reduzi-la ao desejo de dizer a verdade. Enunciados como “eu prometo”, “eu juro” e “me desculpa” não se deixam, segundo Austin,

circunscrever pelo critério da verdade ou da falsidade, mas enfatizam a produção de *acontecimentos* que produzem efeitos que podem ser, sim, mais “felizes” ou mais “infelizes” em seus resultados.

Se é possível levantar critérios “puramente linguísticos” para descrever alguns desses enunciados, nem todos performativos se encaixam no caráter *explicitamente* performativo de enunciados exemplares como os citados anteriormente. Aqui abre-se uma fissura que, se pode parecer pequena à primeira vista, desemboca, na teoria de Austin, em uma revolução teórica. A margem que os performativos *implícitos* requisitam faz borrar os limites bem definidos entre constatar e fazer em termos enunciativos. Mesmo a mais rígida constatação pode ser modalizada se entendermos que implicitamente essa subentende uma relação entre a posição enunciativa (“eu constato”, “eu afirmo”, “eu declaro”...) elipsada e uma conjuntura enunciativa singular – enfim, materialmente, a constatação pura não existe, visto que pressupõe um enquadre ideal e não de fato sujeitos de linguagem em ação. Dessa complexificação surge uma *teoria geral dos atos de discurso*, uma doutrina da *ilocução*, em que o conceito de performativo, antes restrito, é alargado para nomear e analisar toda a riqueza da performance da fala em uma situação concreta na qual o falar adquire sentido e *força*, ou seja, produz *efeitos* reais. Algo que dificilmente se deixa restringir pelo modo de análise hegemônica da ciência linguística e de sua conceitualização de seu objeto, a língua. Prova da incompatibilidade entre as proposições de Austin e a Linguística é a retomada crítica da teoria austiniana por Benveniste. No fundo, uma espécie de tratamento da descoberta de Austin realizada pelo linguista francês no sentido de reinstaurar os limites entre a constatação e a performance e assim melhor *formalizar* as diferenças entre esses enunciados, o que, em suma, leva à recusa dos avanços teóricos em direção a pensar uma teoria geral dos atos de discurso.

Um dos pontos altos do livro de Felman é não se contentar com fazer esmorecer a contradição, tentar conciliar o inconciliável, ou buscar “resolver” a problemática sintetizada no debate Austin-Benveniste no próprio campo teórico da qual ela emerge. A curva analítica de Felman pela literatura e pela peça *Don Juan*, de Molière, no segundo capítulo do livro, possivelmente inaceitável para a “seriedade” de certa linguística, é o que produz a possibilidade de reinterpretar as divergências teóricas entre o filósofo britânico da linguagem e o linguista francês. Evidentemente, *Don Juan* não é evocado sem motivos. Como demonstra Shoshana Felman, o drama donjuanesco é o drama das tensões entre *sentido* e *força* que rasgam o corpo falante, ou seja, é o drama do *performativo* no sentido da doutrina ilocutória

de Austin. *Don Juan* é uma peça sobre a *promessa*, seja as promessas amorosas de Don Juan em relação às mulheres, seja as promessas negativas de ameaça e de alerta de seus antagonistas. Enquanto todos requisitam e julgam Don Juan em termos constativos, requisitando que o protagonista use da linguagem sempre obedecendo ao critério hegemônico da verdade e da falsidade, Don Juan não limita o dizer ao saber ou ao conhecer, mas o utiliza especialmente no sentido da *ação*, de *fazer com* os interlocutores e com a situação concreta e suas relações de força. O discurso sedutor donjuanesco se realiza exatamente por colocar em jogo os atos de linguagem, por produzir uma ilusão referencial que satiriza o suposto comprometimento que deveria existir entre o linguístico e o extralinguístico, enquanto a enunciação explora sua autoreferencialidade. Não se trata de comprovar ou realizar as promessas para além delas mesmas, mas sim de persuadir, de produzir crenças com a linguagem. É por isso que a sedução de Don Juan produz *escândalo*, por quebrar a expectativa de cumprimento da racionalidade do desejo de verdade.

Uma reação em cadeia teórica é desdobrada por Felman do modo donjuanesco de utilizar a linguagem. A sedução das promessas de Don Juan e seu funcionamento performativo torcem o aparato ideológico do amor e da instituição do casamento na modernidade diante da inconstância do desejo e da linguagem, assim como torcem a própria expectativa de continuidade na história: toda afirmação de amor eterno é uma promessa e, de certo modo, toda promessa é uma afirmação amorosa no sentido de ser uma afirmação de continuidade perante a inconstância que continuamente a subverte. Do debate erótico somos levados a um debate teológico e ontológico. Se, para Don Juan, a linguagem, como campo performativo de gozo, torna-se autorreferencial, não há então nenhum grande Referente exterior à linguagem que lhe possa dar sustentação absoluta: a descrença na constatação é a descrença na nomeação da Verdade. Deixa-se de acreditar na constância da voz vinda do Céu (Don Juan é interpelado durante toda a peça por um discurso moral sobre suas práticas que apelam para o Céu e para Deus como garantia da inadequação de seu fazer e de punição futura) e deixa-se de acreditar em outras figuras paternas garantidoras. Afinal, a promessa do Pai é a promessa da continuidade, do encadeamento entre o que a cultura promete ser e o que seus sujeitos devem vir-a-ser para cumprir essa promessa, assim como é a promessa da identidade, a promessa de uma nomeação fixa constante e que dê Sentido para o sujeito. Promessa fadada ao fracasso, como qualquer promessa, o que a Psicanálise também já descreveu muito bem. Aqui Don Juan desconstrói portanto também a noção de “ordem”, de

“hierarquia”, de “sequencialidade”, dando vazão ao múltiplo, ao descontínuo e à repetição diferencial.

O desbanque da autoridade é também o desbanque da transparência da linguagem e do sujeito. Não há garantias, apenas movimentação pela falta. Afinal, Don Juan sempre *falta com a palavra*, pois a promessa é o ato de faltar em relação ao presente. Por isso, a peça donjuanesca pressupõe a repetição. A promessa produz sempre uma espera de algo que não se realiza, fazendo com que o sujeito refaça sua promessa e recomece outra-mesma série prometedora. No fundo, põe-se em questão a própria promessa fundadora da modernidade burguesa que é a promessa da consciência, ou seja, a promessa da *identidade* entre o dizer, o pensar e o fazer.

Em “O escândalo do performativo”, penúltimo capítulo do livro, Felman “retorna” a Austin para reforçar que mais do que algo austiniano em Don Juan, há algo de donjuanesco em Austin, sem o qual não podemos captar de fato o próprio de suas reflexões. O gesto de Austin, é, como faz Don Juan, substituir o critério de verdade pelo critério de *satisfação*, introduzindo a dimensão do *gozo* nos debates sobre a linguagem. O descompasso entre Austin e Benveniste se daria então pelo fato de que o linguista francês aborda o performativo de forma constativa, enquanto donjuanesicamente as análises de Austin sustentam o potencial subversivo do performativo por *performar a performance*, por ser também ato, que não quer erguer novos fundamentos teóricos, mas sim desfazê-los. Há algo de irônico no gesto austiniano de buscar constatar a separação entre o constativo e o performativo apenas para logo em seguida abandonar suas “intenções”, desfazer essa divisão inicial e realizar o fracasso da teoria e da linguagem não como algo exterior a essas, mas como algo que lhes são inerentes. Austin promete o que não pode cumprir e o que “sabe” que não será mantido, Benveniste rejeita essa aventura traiçoeira e cobra de Austin que cumpra com sua palavra. Felman torna esse caso exemplar de como “o mito de Don Juan conta-nos, assim, a aventura da linguística moderna, em sua confrontação com a filosofia da linguagem” (FELMAN, 2022, p. 84). O espaço aporético da literatura faz parodiar o próprio fracasso da promessa linguística de ser uma ciência “exata” e “séria”.

É no último capítulo do livro, “Conhecimento e gozo, ou a performance do filósofo (Psicanálise e performativo)”, em que encontraremos o desdobramento melhor aprofundado da teoria austiniana do performativo: sua relação com a psicanálise. Se essa pode parecer uma aproximação inusitada em um primeiro momento, visto que Austin e Lacan, principais referências do diálogo traçado por Felman, parecem se ignorar em suas obras, apartados pela

barreira da língua e do saber, a autora demonstrará que é exatamente por essa incomunicação constativa que ambos se encontram, na ênfase nas suas formas de *fazer* com o real. O cerne desse encontro barrado está na ênfase dada pelo performativo e pela psicanálise na relação existente entre palavras e atos, linguagem e real, em que, contrariando a hegemonia histórica do pensamento ocidental, o “referente” do saber e da constatação não se deixará mais alcançar de forma transparente, como um “além da língua”, mas sim somente poderá ser articulado *pela língua*. Austin e Lacan, tornando o referente em ato, sabem que não se produz um saber *sobre o real*, mas sim um saber que *toca o real*, sustentado sempre entre-dois, ou seja, em um fundamento dialógico também comum à teoria do performativo e à psicanálise. Comum a ambas teorias também é o fato de que essa reformulação do referente subentende também uma dimensão constitutiva do fracasso. Muito mais interessante do que a pressuposição totalizante de que “tudo é linguagem”, Austin e Lacan enfatizam o quanto a linguagem coloca seus próprios limites em relação ao real. Toda constatação está fadada ao fracasso de significar “por completo”.

É nesse sentido, inclusive, que a referência ao *ato* ganha maiores proporções. Expondo os furos na constatação e no desejo de verdade que hegemoniza a produção dos dizeres sobre a linguagem, tanto a teoria do performativo, como a psicanálise lacaniana, enfatizam não a mera ordem da “significação” e da “verificação”, mas sim a produção de efeitos, enigmáticos e imprevisíveis, na articulação entre linguagem e corpo. É essa zona opaca, aliás, que melhor recoloca o problema do “humano” - não simplesmente o ser que age, mas o ser que age pela linguagem de forma paradoxal e problemática. Se Austin teoriza o caráter performativo dos corpos falantes, a psicanálise explora o *escândalo* do fato de que os atos de linguagem subvertem a forma moderna da subjetividade capitalista: a consciência e o controle da linguagem. Na hipótese do inconsciente reside o rompimento entre saber e agir; o sujeito age, ou algo age a partir do sujeito, oriundo daquilo que ele sabe sem saber. O tratamento analítico seria sobretudo uma busca da *felicidade*, no sentido austiniano?, do ato, da produção dos efeitos do corpo falante.

Por último, uma das provocações mais interessantes propiciadas por essas aproximações teórico-literárias operadas por Felman é o sinalizar, breve e inconcluso, de um “novo tipo de materialismo”, que levaria em conta aquilo que é próprio ao escândalo dos corpos falantes. De repente, quase ao fim da obra de Felman, uma ausência fortemente presente e significativa durante todos os capítulos, Karl Marx, é finalmente evocada. De que forma *fazer* com as palavras toca as formas com que a história se *faz*? Como a própria autora

nos relembra, Marx também apontava para o fato de que a transformação histórica é antes de mais nada *ato*, ou seja, *prática*, e que o “fazer histórico” procede muitas vezes do desconhecimento. A problemática da ideologia não seria de alguma forma a problemática do conflito entre “força” e “sentido”, de um *corpo falante social*, como diz Felman, que age apesar do saber ou através do que não sabe? Para a autora, no entanto, a teoria do performativo e sua ênfase no ato de linguagem redimensiona uma oposição muito simplista entre materialismo e idealismo, não rara entre certos marxistas, que reduz a linguagem ao não-material. Superando essa limitação, Austin possibilitaria pensar não mais matéria como “coisa”, mas como *acontecimento*, como aquilo que produz efeitos, não reduzida ao “físico” ou ao “econômico”. Essa compreensão materialista não se deixaria limitar necessariamente à ordem da contradição, subordinada à lógica da identidade e da estrutura, mas abriria-se para o *escândalo*, aquilo que surge como uma ruptura imprevisível que rompe com a promessa das séries históricas e seus encadeamentos visíveis, possibilitando que um novo horizonte se coloque na ordem do dia - algo que, em tempos de discursos sobre o “fim da história”, tanto necessitamos concretizar.

É esta a atualidade e a relevância de *O escândalo do corpo falante*, de Shoshana Felman: a coragem de sustentar uma posição tensa de reflexão que não abandona a disputa pelo debate teórico dentro do campo disciplinar em que se insere, mas que não se rende ao mesmo tempo à tentação de manter-se nesse campo, como se esse pudesse dar conta de *tudo* - um nomadismo teórico que também não cede ao ecletismo idealista que unifica disciplinas teóricas como se todas tocassem um mesmo Referente homogêneo. Encontrar novas formas de articulação teórica da multiplicidade do real é essencial para transformá-lo. Não o faremos sem a inquietação necessária para explorar os desencaixes entre o saberes que desarticula consensos e produz escândalos. Felman e sua obra nos aponta para um caminho possível. De certo, ainda a ser melhor explorado, especialmente no que toca à análise das relações sociais e às possibilidades de suas transformações através da prática política que se mantém, como dito, um campo de problemas extremamente próximo e presente ao *O escândalo do corpo falante*, mas silencioso e não enfatizado.

Referências

FELMAN, Shoshana. *O escândalo do corpo falante: Don Juan com Austin, ou a sedução em duas línguas*. Tradução de João Rocha e Lucia Castello Branco. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

Recebido em: 15/05/2023; **Aceito em:** 24/07/2023.